

Todo cristão tem a vocação para viver em comunidade como o modo que melhor expressa a sua fé no Deus que é comunhão – Pai, Filho e Espírito Santo. Também a realização do ser humano, criado à imagem e semelhança do Deus que é comunhão, acontece de modo pleno na vida em comunidade. E essa é a essência da comunidade cristã, cujos membros são “um só coração e uma só alma” (At 4,32). As dificuldades para a compreensão e vivência da vocação comunitária têm raiz numa compreensão de Deus que não equilibra a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A compreensão dessa relação mostra que “a Trindade é a melhor comunidade” e é, assim, o modelo mais perfeito da Igreja-comunhão. Daqui a relação estreita entre Trindade – Eucaristia e Comunidade. A Eucaristia nos conduz e nos mergulha no mistério da Trindade, e assim realiza e manifesta a Igreja-comunhão. Desse modo, na liturgia eucarística se expressa a consciência que a comunidade tem de si mesma como fruto da relação entre a Eucaristia e a Santíssima Trindade. Esse fato produz uma profunda renovação da comunidade, num processo de conversão da Igreja conforme a imagem e o projeto de Deus, celebrado na Eucaristia. O sacramento eucarístico é, assim, expressão de como Deus atua no mundo, para renová-lo e transformá-lo segundo seus desígnios.

Abstract: Every Christian received a special calling to live in community so as to express explicitly his faith in God who by nature is communion: Father, Son, and Holy Spirit. Likewise, full achievement of human ideals is had in community life since humankind is created in the image and likeness of God who is communion. Thus the essence of Christian is community in which since the beginning of the Church the Christians were of “one heart and one body” (Acts 4:32) based on the God’s Triune relationship. When difficulties arouse in the attempts to explicit the vocation to community life they were to be found in an inadequate understanding of the relationship within the Triune God. Thus the Church is called upon to show forth a kind of community, which is analogous to that of the Trinity. The means of expression of this central principle is the sacrament of the Eucharist as the gift of communion and sharing in God’s self-communication to humankind. The aim is to bestow divine gifts to those who receive Holy Communion so that they may also transmit to others its divine efficacy.

Eucaristia e renovação da comunidade

*Dom Manoel João Francisco**

* O Autor, Doutor em Teologia, é Bispo diocesano de Chapecó, SC, e Presidente da Comissão Episcopal Pastoral da CNBB para a Liturgia.



Dentro do horizonte do Ano da Eucaristia, acontece a celebração do 15º CEN, tendo como moldura e pano de fundo o Plano Nacional de Evangelização (2004-2007) da Igreja do Brasil. Tanto o lema: “*Vinde e vede*”, quanto o tema: “*Ele está no meio de nós*”, com certeza procura ser uma resposta ao mote do Projeto: “*Queremos ver Jesus*”.

Dentre as metas a serem atingidas no processo de Evangelização, os Bispos do Brasil apontam a *renovação da comunidade*.

1. Vocação para a comunidade

Não existem cristãos avulsos. A fé cristã é, por essência, comunitária. Aliás, todo ser humano, enquanto criado à imagem e semelhança de Deus, independentemente de sua fé, é vocacionado a viver em comunidade.

Apesar desta vocação fundamental do ser humano para viver em comunidade, o mundo de hoje vive uma séria crise de organização comunitária.

Toda comunidade, para ser comunidade, precisa ser ao mesmo tempo una e múltipla. Diante desta contraposição, aparentemente insolúvel, apenas três saídas parecem possíveis. O totalitarismo que salva a unidade, mas sacrifica totalmente a multiplicidade. A anarquia que salva a multiplicidade mas estraçalha irremediavelmente a unidade. A democracia que parece conciliar as duas exigências, mas é apenas uma saída de compromisso, pois, se limita a conter as exigências da unidade para dar espaço às da multiplicidade e tenta restringir a multiplicidade para salvar a unidade. Não se defende a unidade mediante uma homogeneidade que reduz a multiplicidade, e a multiplicidade não pode ser defendida através de uma igual distribuição das esferas de influência.

2. Vocação cristã para a comunidade

Sem dúvida, a visão cristã que vê a estrutura comunitária como analogia do mistério de Deus Uno e Trino é a que melhor atende à exigência de *unidade e multiplicidade* próprias da comunidade. Deus não é uma unidade solitária, muito menos uma multiplicidade dividida, mas uma comunhão de Três únicos, sem que nenhum deles seja anterior ou posterior, superior ou inferior ao outro. “A comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo significa o protótipo da comunidade humana



sonhada pelos que querem melhorar a sociedade e assim construí-la para que seja à imagem e semelhança da Trindade”¹. Santo Agostinho, comentando este fato, disse: “O amor em Deus é tanto que impede a desigualdade e cria a igualdade inteira. Se na terra e nos homens pode haver tanto amor a ponto de muitas almas fazerem-se uma só, como não existir também tal amor entre o Pai e o Filho, já que ambos são sempre inseparáveis, e, assim, são um Deus só? Lá as muitas almas fizeram-se uma só, por uma inefável e suprema conjunção; aqui igualmente e pela mesma razão as Pessoas divinas se fizeram não dois deuses, mas um único Deus”².

De fato, os primeiros cristãos, “como nos relatam os Atos dos Apóstolos, no primeiro retrato da comunidade, *‘eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir o pão e nas orações..., eram unidos e colocavam em comum todas as coisas, vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um’* (At 2,42.44-45). Mais adiante, num outro retrato, se testemunha que *‘a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma’* (At 4,32). As primeiras comunidades cristãs receberam de Jesus e de seus discípulos e discípulas o apelo a viverem na terra do mesmo modo como a Santíssima Trindade vivia no céu. Mais que fórmulas doutrinárias e preocupações intelectuais para entender, com a cabeça, esse mistério de fé, os primeiros cristãos simplesmente se puseram no caminho de Jesus, vivendo o amor fraterno, num só coração e numa só alma”³.

3. Dificuldades na compreensão e vivência da vocação comunitária

Com o tempo, porém, na medida em que a doutrina sobre a Trindade foi sendo desconsiderada⁴, a Igreja passou a ser compreendida como “sociedade perfeita de desiguais”, provocando o aparecimento de grupos diversos e o desaparecimento de verdadeiras comunidades.

-
- 1 BOFF, Leonardo, *A Trindade, a Sociedade e a Libertação*, Vozes, Petrópolis, 1986, p. 17.
 - 2 *Sermão aos catecúmenos sobre o Credo*, citado por BOFF, L., “A Santíssima Trindade é a melhor comunidade”, Vozes, Petrópolis, 1988, p. 97.
 - 3 FELLER, Vitor Galdino, *Deus Trindade, modelo de comunidade*, Arquidiocese de Florianópolis, s/d, p.13.
 - 4 COMBLIN, José, *O Espírito Santo e a Libertação*, Vozes, Petrópolis, 1988, p. 87.



3.1– Para uns, o relacionamento com Deus se centrou na figura de Deus Pai. O próprio Jesus se transformou no “Pai de Grande Poder” de certas igrejas barrocas da Espanha e da América Latina. Estes fazem parte de setores mais autoritários da sociedade. Esta forma de conceber e de viver a fé os confirma sempre mais na mentalidade machista forjada na figura do Pai.

O que acabo de afirmar é assim expresso por Jon Sobrino: “Peca-se contra o Pai quando desaparece o mistério de estar remetido a outro salvificamente, em favor da auto-afirmação do homem. É a deterioração da realidade criatural do homem. No entanto, peca-se também quando se exclusiviza e se absolutiza o Pai. Então aparecem os monarquismos políticos e os paternalismos eclesiásticos que confundem o livre desígnio do Pai com a imposição de uma vontade arbitrária, o absolutismo do Pai com o despotismo. Ignoram que o mistério de Deus se concretizou em Jesus e produz a libertação do Espírito”⁵.

3.2 – Outro grupo de pessoas molda uma imagem de Deus centrada em Jesus, o Filho de Deus, mas sem levar em conta a encarnação, com tudo o que ela significa. Para estes, Jesus é o grande Sábio, o Mestre que profere sentenças e parábolas isoladas, relevantes apenas para as pessoas consideradas em sua individualidade. São aqueles cujo relacionamento interpessoal se dá mais no nível individual, de indivíduo para indivíduo. Estas pessoas geralmente sentem necessidade de um líder ou animador, ou melhor de um guru que as atenda e resolva seus problemas pessoais.

Tal forma de viver a fé pode levar à auto-suficiência e ao autoritarismo dos líderes e dos partidos. Os bispos em Puebla alertaram para este perigo quando afirmaram que “não podemos desfigurar, parcializar ou ideologizar a pessoa de Jesus Cristo, nem fazendo dele um político, um líder, um revolucionário, ou um simples profeta, nem reduzindo ao campo do meramente privado Aquele que é o Senhor da História (Puebla 178).

3.3 – Por fim existe um outro grupo cuja religião se forma em torno do Espírito Santo. Estes desejam ser aceitos em sua individualidade e subjetividade sem maiores compromissos sociais, mas ao mesmo tempo têm medo da solidão. Encontram resposta para suas aspirações nos grupos

5 SOBRINO, Juan, *Dios*, em C. FLORISTAN – J.J. TAMAYO, *Conceptos fundamentales de pastoral*, Ed. Cristianidad, Madrid, 1983, p.257.



carismáticos onde cada qual manifesta sua experiência de forma muito pessoal. No entanto, um grupo centrado no subjetivismo, pode cair no anarquismo e na anomia. Não chega nunca a ser comunidade.

Semelhantes formas de conceber e viver a fé cristã pouco contribuem para a formação de uma Igreja-comunhão, onde é possível a participação solidária e respeitosa das diferenças pessoais e grupais, anúncio e antecipação do Reino de Deus.

4. “A Trindade é a melhor comunidade”.

Na Santíssima Trindade cada pessoa é para as outras duas, com as outras duas e nas outras duas. Entre elas não existe relação de superioridade, mas sim de participação recíproca, de correlação e de comunhão. O Concílio de Florença, no século XV, tratando deste tema, assim se expressou: “Cada um com sua especificação, o Pai está todo no Filho e todo no Espírito Santo, o Filho está todo no Pai e todo no Espírito Santo, o Espírito Santo está todo no Pai e todo no Filho. Ninguém precede ao outro em eternidade, nem excede em grandeza, ou sobrepuja em poder”(DS 1331).

Como na Trindade não existe dominação, mas convergência e comunhão, acolhida e recíproca auto-doação, da mesma forma na comunidade cristã, composta de homens e mulheres, feitos à imagem da mesma Trindade, não pode existir divisões, nem dominação de uns sobre os outros. Todos deverão se sentir integrados, participantes, iguais e respeitados em suas diferenças. No dizer de J. Moltmann, “respeita o Deus trinitário, somente uma comunidade cristã una, única e unificante, sem domínio e opressão”⁶.

5. Trindade – Eucaristia – Comunidade

A Eucaristia nos conduz e nos mergulha no mistério da Trindade. Nela se manifesta e se revela a grandeza do amor criador do Pai, a mediação salvífica de Cristo e a comunhão do Espírito Santo (2Cor 13,13). A ação eucarística é perpassada pela presença da Santíssima Trindade, evocada desde a saudação inicial até a bênção final, passando pelas conclusões das orações, e, mais solenemente, na doxologia final da Oração

6 J. MOLTMANN, *A unidade convidativa do Deus Uno e Trino*, em *Concilium* 197(1985)54-63.



Eucarística. A Igreja, de modo especial pela Oração Eucarística, rende graças, com Cristo, ao Pai, no Espírito Santo, por todos os bens concedidos à humanidade na criação e, de maneira singular, no mistério pascal, e suplica pela vinda definitiva do seu Reino (*Eucharisticum Mysterium*, n. 3).

A Eucaristia, como ação de graças dirigida ao Pai, numa perfeita relação trinitária, evidencia a missão do Filho e do Espírito: “Chegada a plenitude dos tempos, nos enviastes vosso próprio Filho para ser o nosso Salvador... anunciou aos pobres a salvação, aos oprimidos, a liberdade, aos tristes, a alegria”. “... a fim de não mais vivermos para nós, mas para ele, que por nós morreu e ressuscitou, enviou de vós, ó Pai, o Espírito Santo, como primeiro dom aos vossos fiéis para santificar todas as coisas” (Or. Euc. IV).

Estas diversas referências a Deus Uno e Trino, durante a celebração da Eucaristia expressam, com certeza, a consciência que a comunidade tem de si mesma como fruto da relação entre a Eucaristia e a Santíssima Trindade. Na Eucaristia somos convocados por Deus Pai que, por Jesus Cristo, no Espírito Santo, reúne os filhos dispersos a fim de constituir uma comunidade onde todos vivem como se fossem *um só coração e uma só alma* (At 2, 42-48).

Neste sentido o Concílio Vaticano II, no documento “*Presbiterorum Ordinis*”, afirma que “não se edifica nenhuma comunidade cristã, se não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia. Por ela há de iniciar-se, por isso, toda educação comunitária” (PO 6/1159). Igualmente, no documento *Christus Dominus*, o Concílio chama a atenção das pessoas para que a celebração do sacrifício eucarístico seja o centro e o cume de toda a vida da comunidade cristã (CD 30/1098).

O decreto *Presbiterorum Ordinis*, para fundamentar sua afirmação, cita a Didascalia, um documento do século III: “Ensinando, impõe e exorta o povo a freqüentar a igreja e aí não faltar de modo nenhum, mas reunir-se sempre e a não diminuir a igreja, subtraindo-se e fazendo com que o corpo de Cristo tenha membros a menos... Já que sois membros de Cristo, não queirais dispersar-vos da igreja por não vos reunirdes; tendo Cristo como cabeça, segundo a promessa dele sempre presente e em comunicação convosco, não vos descuideis de vós mesmos, nem afasteis o Salvador de seus membros, dividindo e dispersando o seu Corpo...”.

Nesta perspectiva se coloca também a exortação do Apóstolo Paulo aos coríntios: “*Já que estou dando recomendações não vos*



posso louvar em vossas reuniões, pois elas não têm sido para o vosso maior bem, mas antes para o vosso dano. Primeiro, ouço dizer que, quando vos reunis como igreja, têm surgido dissensões entre vós. E, em parte, acredito. É necessário que haja até divisões entre vós, para que se tornem conhecidos os que, entre vós, são comprovados! De fato, quando vos reunis, não é para comer a ceia do Senhor, pois cada um se apressa a comer a sua própria ceia e, enquanto um passa fome, outro se embriaga... Que vos direi? Acaso vos louvarei? Não, neste ponto não posso louvar-vos... Portanto, meus irmãos quando vos reunirdes para a ceia, esperai uns pelos outros” (1Co 11,17-34).

5.1. Na celebração eucarística:

Na estrutura da celebração eucarística, cada uma de suas partes está marcada pela dinâmica da vida trinitária, remetendo-nos, assim, à comunidade e sua renovação.

Os **Ritos Iniciais** têm a finalidade de constituir a assembléia onde todos possam se sentir em casa, onde não haja excluídos e, se houver preferência, que seja pelos mais pobres. *“Meus irmãos, vossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir acepção de pessoas. Assim, pois, se entrarem em vossa assembléia duas pessoas, uma trazendo anel de ouro, ricamente vestida, e a outra pobre, com suas roupas sujas, e derdes atenção ao que se traja ricamente, e lhe disserdes: ‘senta-te aqui neste lugar confortável’, enquanto dizes ao pobre: ‘tu, fica em pé aí’, ou então: ‘senta-te aí abaixo do estrado dos meus pés’ não estais fazendo em vós mesmos discriminação?... Atentai para isso meus amados irmãos: não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que Ele prometeu aos que o amam? (Tg 2, 1-3).*

A **Liturgia da Palavra** nos faz compreender que somos comunidade com quem Deus renova a sua aliança. Nas leituras e na homilia, Deus fala ao seu povo, e manifesta-lhe o seu projeto: reconciliação universal e harmonia plena. A assembléia que celebra a Liturgia da Palavra se descobre e se manifesta como comunidade em diálogo com o seu Senhor e com seus irmãos, a respeito das realidades da fé e sobre o modo de vivê-las e de transmiti-las.

A **Liturgia Eucarística**, a partir da apresentação das oferendas, segue a estrutura da ceia pascal judaica. Nela o Pai convida todos, sem



exceção de ninguém, a participar das núpcias de seu Filho. Nessa núpcias, o banquete é sacrifício, e o noivo é cordeiro (vítima). Agindo com o Espírito Santo, o Noivo-Cordeiro se entrega pela remissão do mundo. Os convivas, alimentando-se do corpo e sangue do Noivo-Cordeiro, se tornam reflexos do Espírito Santo e passam a formar um só corpo bem unido (comunidade) no qual todas as divisões são superadas (cf. Oração Eucarística sobre a reconciliação I). E, por Cristo, com Cristo e em Cristo, se oferecem a Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo.

Nos **Ritos Finais**, somos enviados solenemente para a missão. Assim, pela Eucaristia as pessoas exprimem e se sentem chamadas e enviadas a viver comunitariamente em unidade e na diversidade, em igualdade e na pluralidade, a exemplo da comunhão do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

5.2. Na reflexão bíblica

De todos os textos bíblicos, os escritos joaninos parecem ser os que melhor afirmam a relação entre Eucaristia e Trindade.

Comer o corpo de Cristo e beber o seu sangue cria entre o discípulo e Cristo uma relação igual à de Cristo com o Pai (Jo 6,56-57). O “permanecer em Cristo”, realizado pela manducação eucarística, cria Igreja (comunidade) a ponto de, onde estiver a Eucaristia, ali estar também a Igreja⁷. Sem fazer referência à Eucaristia, mas tendo como pano de fundo a ceia pascal, João volta ao tema nos capítulos 14 a 17, onde os discursos de Jesus são dirigidos aos discípulos enquanto comunidade. O amor, a observância dos mandamentos, o cumprimento da palavra, são as condições para que o Pai e o Filho permaneçam nos discípulos e para que o Espírito seja enviado (Jo 14,15-25; 15,1-11.26-27) e se constitua assim a comunidade. Estes capítulos só podem ser entendidos a partir da experiência eucarística da comunidade. É no banquete eucarístico que a comunidade dos discípulos toma consciência de sua vital participação nas relações de Cristo com o Pai e o Espírito Santo. A unidade, vértice da aspiração de Jesus em sua oração sacerdotal (Jo 17), radica-se, antes de tudo, na Eucaristia.

“Renovai, ó Pai, à luz do Evangelho a vossa Igreja. Fortalecei o vínculo da unidade entre os fiéis leigos e os pastores do vosso povo...”

7 N. AFANASSIEFF, citado por J. ZIZIOLAS, em entrevista na Revista 30 Dias, n. 8, 2005.



para que, neste mundo dilacerado por discórdias, brilhe como sinal profético de unidade e paz” (Oração Eucarística para diversas circunstâncias I).

O Concílio Vaticano II expressa tudo isso da seguinte forma: “A Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, pelo poder de Deus cresce visivelmente no mundo. Este começo e crescimento são ambos significados pelo sangue e pela água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf Jo 19,34) e são preanunciados pelas palavras do Senhor acerca de sua morte na cruz: “*E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim*” (Jo 12,32). Exerce-se a obra de nossa redenção sempre que o sacrifício da cruz, pelo qual *Cristo, nossa Páscoa, foi imolado* (1Co 5,7), se celebra sobre o altar. Ao mesmo tempo a unidade dos fiéis que constituem *um só corpo em Cristo* (cf 1Co 10,17) é significada e realizada pelo sacramento do pão eucarístico” (LG 3).

Conclusão

Toda esta reflexão quer mostrar que na e através da celebração da Eucaristia, a comunidade se torna o espaço em que se realiza a história trinitária de Deus no mundo. Criatura da Trindade, plasmada pelo Pai com a potência do Espírito Santo sob o modelo filial de Jesus, a comunidade cristã reflete a imagem desta mesma Trindade em sua constituição e em sua vida. A unidade profunda, de fé e de amor, que a Eucaristia cria e alimenta na comunidade, se conjuga com o respeito à pluralidade dos discípulos. Cada um é levado a valorizar os dons recebidos em relação aos outros. A dinâmica eclesial de crescimento comum, de relações internas de comunhão recíproca, tem como fonte, modelo e meta o mistério de Deus que se revela e se doa como Pai, Filho e Espírito Santo.

Vivendo na oração e na profissão de fé as numerosas referências trinitárias da liturgia, e sobretudo, participando do banquete eucarístico, a comunidade eclesial compreende que é:

- Povo que Deus escolheu para si, e que foi formando à medida em que se ia revelando como Pai, Filho e Espírito Santo;
- Comunidade de crentes que, na fé, vivem em relação filial com o Pai, em convivência de fraterna amizade com Cristo Salvador, e em disponibilidade à ação do Espírito Santo, testemunhando



na sua existência a fecundidade histórica da vida íntima de Deus que quis se comunicar com suas criaturas;

- Comunidade que, vivendo a tensão entre unidade e multiplicidade, procura o que une, respeitando sempre a diversidade. Valorizando os dons de cada um, orienta-os para o bem de todos. Desta forma, torna-se para o mundo sacramento da íntima comunhão que Deus Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, quer ter com todo o gênero humano.

Endereço do Autor:

Av. Getúlio Vargas, 171-S

Centro

Caixa Postal 726 (89801-970)

89807-000 Chapecó, SC